

HISTÓRIA DO DIA

JOSÉ BENTO TEIXEIRA DE SALLES

Coração menino

Felizes aqueles que, aos 86 anos de idade, sonham de olhos abertos, inebriam-se de paixão com a mulher amada, recebem as agruras da vida com um leve sorriso irônico, deliram com o Atlético e vivem, na terra, as esperanças do céu. E escrevem um livro.

Pois assim é o meu amigo José Henriques Maia, que acaba de nos alegrar com a publicação de um volume de versos intitulado *Coração menino*. Trata-se de uma coletânea de poemas recolhidos pela família ao curso do tempo e que, talvez por isso mesmo, é um retrato fiel de seu autor e de sua vida, tão cheia de carinho, amizade, amor, alegria e compreensão humana.

Poucas, mas escolhidas fotografias – inclusive a que ilustra a capa – completam este retrato escrito do autor, pois reproduzem sugestivas cenas de vários períodos de sua vida. E como essa vida se fez em torno da família e para a família, o livro reflete a vida: a edição foi feita pela filha Clara Arreguy, a revisão é de seu filho Roberto

INTELIGENTE, VERSÁTIL, ALEGRE, PITORESCO, FRATERNAL, COMPREENSIVO, SOLIDÁRIO E JUSTO. UM ESPÉCIME, RARO NESTE MUNDO-CÃO

Arreguy Maia, o projeto gráfico é de sua neta Clarice Arreguy Scotti e a criação da capa de seu filho Mário Arreguy. Coroando o clima familiar, a alegre e compreensiva presença de Nini, esposa e mãe amantíssima.

Neste clima de alegria e compreensão, o nosso **Maia** foi produzindo seus versos, agora reunidos neste "gostoso" volume de 123 páginas.

E que páginas! Elas vão desde o mais puro lirismo do poema inicial, "O pássaro das asas cansadas", ("Como se fosse o olhar de Deus acariciando o velho pássaro cansado. Como eu"), até a brejeirice juvenil do velho de 86 anos, em "Na praia, a família do Maia", ("Na intimidade a família/apresenta a maravilha/de um quadro que aplauso arranca./Sem maiô ou sem calção./queimados todos estão,/e todos com a bunda branca"), passando pela paixão atlética ("Salve esse Galo valente/que mesmo fraco e doente/é sempre bicho-papão./Mais temido e mais amado,/forte e grande no gramado/e maior no coração.")

Por outro lado, o livro mostra a versatilidade poética do autor, que nos leva às lágrimas em momentos de sublime enlevo e nos provoca risos em pitorescos versos de sadio humor.

Neste sentido, é correta a observação de seu conterrâneo Ziraldo, no Prefácio do livro: ... "quando o leitor acredita que Maia vai fechar seu poema com o verso adequado, a chave de ouro, ele tem a coragem e a dignidade de escorregar de propósito, apenas para conseguir a exata gargalhada que almeja a sua alma de *clown*."

A observação do Ziraldo pode ser ilustrada pelo exemplo dos versos iniciais de "A perda do tesouro": "Vamos pintar de azul o infinito/como as serras das terras de Iracema./Depois tu ficarás com o diadema/que pertenceu à corte de Hiroito."

Chego, agora, à figura humana. E que bela figura humana! Inteligente, versátil, alegre, pitoresco, fraternal, compreensivo, solidário e justo. Um espécime, enfim, raro neste mundo-cão em que vivemos.

Se o verso retrata o autor, temos que o livro ressumbra exatamente estes atributos da envolvente personalidade do Maia. Por conseguinte, o livro vale tanto quanto seu autor.

Dirá o leitor atento: "Então, esse homem é um santo poeta!"

E quem falou que ele não é?



ANNA MARINA

O QUE ACONTECE É QUE AS MULHERES SE ENCANTAM MESMO É COM A MODELAGEM MIÚDA. COMO NÃO CABEM NELA, FICAM TIRIRICAS

email: anna.marina@uai.com.br

FALTA AUTOCRÍTICA DE UM LADO, E BOA VONTADE DO OUTRO

A conversa parece mais do que batida. Mas interessa a todas as mulheres que gostam de se apresentar bem. Afinal de contas, o que é que elas podem – ou não podem – vestir? Onde encontrar essa roupa mágica, que é atual, jovial, sem ser careta? Onde está a loja especial que tem roupa para as mulheres que vestem mais do que o manequim 44? A indignação maior das leitoras desta coluna é contra as lojas que só colocam nas araras roupas de número 38, 40, 42. Como se a maioria das mulheres formasse uma legião de anoréxicas. Magérimas, pele e osso, com o corpo ideal para o que está aí para vender.

Converso daqui e dali, para saber o que é mesmo que acontece, qual é a dificuldade que existe entre a vontade de comprar e a pouca vontade de produzir. Mabel Magalhães, da etiqueta do mesmo nome, que é cobra criada no assunto de moda, parece ter um bom dado sobre o assunto. Para ela, o que acontece é que quem vai a uma loja se encanta mesmo é com a modelagem miúda. Então, como não cabe nela, fica tiririca. E quando é apresentada a uma modelagem apropriada para seu tamanho, não quer nem saber.

"Como é que vou produzir calças nas virilhas para mulheres que vestem acima de 42?", pergunta ela, com toda razão. "Estou fazendo modelagens até 50, mas guardando a conformação física de uma mulher que chega a essa numeração. Então, posso fazer uma peça com o mesmo tecido, o mesmo visual de outra calça com numeração menor. Só tenho é que modificar a modelagem, para que a peça vista bem, fique de acordo com a usuária".

Dá para ver que existe mesmo esse lado encrencado da moda. Acontece que a cabeça da mulher – seja ela gorda, média ou magra – está totalmente condicionada pelas modelos profissionais, que são esqueléticas, peitudas e com pernas compridas. Quer dizer, tudo lhes cai bem. Só que a realidade é bem outra, e não é tão agradável. Então, uma mulher que tem muito quadril, alguma barriguinha, fica terrível usando uma calça de cós baixo, que é a modelagem atualmente mais usada no nosso País. "Vivo atrás de um jeans que seja na cintura, pode ser mesmo até uns dois dedos abaixo, e não encontro nada no comércio", lamenta-se uma amiga que tem ótimo corpo – mas que tem autocrítica para não se expor como uma cocotinha.

O mal é tão nosso que não dá nem para comparar. E não é coisa só de moda de mulher. Grassa no meio masculino também. Houve época que era simplesmente impossível encontrar uma camisa branca para comprar. Elas sumiram das lojas, só exis-



ta camisa listrada. O mesmo está acontecendo com as calças femininas. Todas as confecções só pensam em calças de cós baixo. A adoção do modismo é radical. Não existe jogo de cintura, não é cabível uma opção, oferecendo o mesmo modelo em dois comprimentos. Dá mais trabalho para produzir? Quase nada, é tudo mais ou menos a mesma coisa. O que dá é medo de oferecer uma mercadoria fora dos padrões do modismo.

Quantas serão as vendas que se perdem com isso? Incontáveis, é certo. Passei um dia por uma costureira ótima, especializada em mágicas reformas, Vitória Diniz. Ela estava com tecidos para fazer 12 calças para uma cliente de Brasília. Que gosta de se vestir bem, na moda, mas simplesmente não consegue se enxergar usando calças que param no meio da barriga. Traduzindo: a cliente não encontrou no comércio o que comprar. Afinal de contas, mulher que manda fazer 12 calças de uma só vez não é qualquer uma. Tem poder de fogo nada desprezível.

Mabel Magalhães acredita que não seria difícil produzir uma roupa de numeração maior. Desde que a cabeça da cliente também mudasse, e não só o corpo. "Há certas coisas que não dá para encarar". Com esses espartilhos que estão tão na moda e que são mesmo muito bonitos. Desconfortáveis, é certo, mas tão na moda que

qualquer mulher usa sem muito sofrimento. Só que eles não são para qualquer uma. Outro dia, por acaso, num zapping de TV, passei por uma novela da Globo. Uma das personagens parecia um pastiche ambulante do modismo. Sobre um tubinho preto, usava um espartilho laranja. Como ela é cheinha, ficou parecendo um colchão enrolado. Mas como as *fashion victims* existem também – e muito – na telinha, a personagem ainda estava com uma alentada coleção de colares de turquesa formando uma barreira que ia do alto do pescoço até o meio do busto. Um horror ambulante.

Fui me informar a respeito daquela novela e soube que ela gira em torno do mundo da moda e que a distinta era nada mais nada menos do que uma editora de moda de revista importantíssima. Credo! O pior de tudo é que, quem vê aquilo, acredita-se no direito de ousar tudo. Qualquer coisa é possível, afinal a novela que faz a cabeça das mulheres não mostra isso?

Esse é, portanto, um lado pouco explorado do problema. O tamanho não impede tudo – desde que sejam salvaguardadas a estética e o bom gosto. Essa é uma preocupação do estilista. É preciso pensar numa coleção específica para quem usa roupa de manequim maior. Que tenha todas as tendências da temporada – mas que essas tendências sejam adaptadas para manequins maiores. Já pensaram nos estragos que essa febre de Jade vem fazendo por aí? Tenho visto coisas que até Deus duvida, parece que quem sai daquele jeito não tem espelho em casa. Ou, se tem, não exercita o mais importante predicado de quem quer estar sempre bem, que é a autocrítica.

NOVAS TENDÊNCIAS NA UNILAR



uma das diretoras da empresa, voltou recentemente de Milão, onde foi conferir o que há de novo em termos de tendências para mobiliário e promete muitas novidades. Ventura e Pereira é outra empresa que retorna à feira, com muitos lançamentos, entre eles a linha de quadros em formato de caixa, os quadros em preto e branco e sépia, os abstratos e os espelhos com molduras em madeiras nobres e em tamanhos variados.

A Mobiliadora Líder participa de mais uma edição da Unilar 2002, marcada para o dia 23 de junho. Alzira Nogueira,

DE VOLTA

PELA QUARTA VEZ NO BRASIL, O ECHO & BUNNYMEN FAZ TRÊS APRESENTAÇÕES NO PAÍS

PASSEIO PELA HISTÓRIA DO ROCK

THIAGO NEY

Ele está de volta. De novo. Ian McCulloch, líder e vocalista daquela que já foi uma das maiores e melhores bandas da história do rock, retorna ao Brasil, pela quarta vez, no fim deste mês, para três shows no país com seu Echo & The Bunynmen: dias 27 e 29, no Credicard Hall, em São Paulo; dia 30, em um festival, em Vitória, e dia 31, no ATL Hall, no Rio.

Formado em 1978, o grupo de Liverpool se apresentou em palcos brasileiros em 1987 e em 99. E, no ano passado, McCulloch veio ao país divulgar o mais recente CD da banda, *Flovers*. "Sempre fomos muito bem recebidos aí. Amamos o Brasil", disse McCulloch.

Da formação original, apenas McCulloch e o guitarrista Will Sergeant ainda fazem parte do Echo. O baterista Pete de Freitas morreu num acidente de trânsito e o baixista Les Pattinson deixou o rock para virar empresário. Confira trechos da entrevista em que McCulloch, com sua indefectível arrogância

"AINDA SOMOS BRILHANTES. SOMOS NECESSÁRIOS PELAS MESMAS RAZÕES QUE ÉRAMOS IMPORTANTES EM 1981. SOMOS UMA DAS 20 MELHORES BANDAS DA HISTÓRIA DO ROCK."

■ Ian McCulloch

roqueira, fala sobre os shows, e o atual momento do rock.

O que a banda está fazendo? McCulloch – Agora, nada. Estamos dando um tempo. Vamos tocar em alguns festivais no verão, temos shows em Liverpool e, claro, vamos ao Brasil. Será o principal momento do ano para nós. Amamos o Brasil.

Das outras vezes em que esteve no país, do que se recorda? McCulloch – Bem, tocamos aí em 87, e aqueles estão entre os melhores shows que já fizemos. As cinco noites em São Paulo foram incríveis. Era

uma época em que ninguém ia ao Brasil, não sabíamos se éramos populares aí.

E o que podemos esperar desses próximos shows? McCulloch – A melhor banda ao vivo do mundo. Basicamente, um set longo... de uma hora e meia. Vamos tocar os hits, *The Game, The Cutter, Bring on the Dancing Horses*.

Tirando o Echo, tem alguma banda de que você goste? McCulloch – Gosto do Hives, são bons, lembram os Stooges, The Strokes, mas prefiro os originais (Television...), Coldplay...

Esse é um bom momento para o rock, não? McCulloch – E pode ficar melhor, com todo esse lixo pop por aí. É boa hora para Strokes, White Stripes, The Vines...

Recentemente o Oasis teve seu álbum que ainda não foi lançado copiado para a internet. Qual sua opinião sobre a troca de arquivos musicais pela rede?

GIRO CULTURAL

TEATRO

FESTIVAL DE PALCO E RUA

O Festival de Teatro Palco e Rua de Ubá continua com uma extensa programação, que começa às 15h, com *Pantominas* do Grupo Rasvel, de BH, na rua São José, e vai até 23h, no Butcart, com o espetáculo *Entre o Céu e o Inferno* com o grupo Pium, de Contagem. Amanhã, a programação começa às 14h30 e vai até 23h, com o baile dos artistas, no Tabajara, encerrando o evento.

TRADIÇÃO

BAZAR DOS 100 EM NOVA EDIÇÃO

O tradicional Bazar dos 100 realiza sua 16ª edição, de hoje a domingo, das 11h às 22h, no Belvedere Mall (rua Sebastião Fabiano Dias, 210, em frente ao BH Shopping). Os 100 expositores - 80 de Minas e o restante de outros estados - estarão mostrando objetos de artesanato, cultura e grifes (Zem, Printemps, Aramez, etc.). Reforçando a antiga parceria, estará presente o Projeto Miguilim, que trabalha com crianças e adolescentes com trajetória de vida nas ruas. Das 19h30 às 21h de hoje, a programação musical traz a presença do quarteto de cordas formado por músicos da UFMG.

TEATRO

GRUPO ENCENA "NOVIÇO"

Vencedor de premiações como melhor peça, ator e atriz coadjuvante do Festim - Festival Intercolegial de Teatro e de melhor peça e ator do Festival Estudantil de Teatro, o espetáculo *O Noviço*, de Martins Pena, será apresentado hoje e amanhã, às 21h, e no dia 5, às 19h30, no Teatro da Praça (praça Afonso Arinos, 19 Centro). A montagem é do Grupo de Teatro do Colégio Batista.

MOSTRA

ESCULTURAS E ADORNOS

Fica em cartaz no M Café Restaurante (rua Sergipe, 1.211, Savassi), até o dia 20, a exposição da artista plástica Michelle Khalil, que utiliza materiais como arame, ferro, aço e resina em seu trabalho. Telas, esculturas e objetos de adorno estão na mostra, que pode ser vista de terça-feira a sábado, a partir das 18h. Informações: 3227-2696.



MARIA TEREZA AGRELLO

FEMININO

OLHAR SOBRE O COTIDIANO

Em exposição no BH Shopping a mostra *A Representação do Feminino*, com 30 fotos de mulheres no cotidiano. A mostra, resultado de pesquisa da psicóloga e fotógrafa amadora Maria Tereza Agrello, permanece em cartaz até o dia 12.